
O QUE AS SÉRIES NOS CONTAM? Interseccionalidades, juventudes e diversidade nas telas das plataformas de streaming¹

Rodrigo Bomfim OLIVEIRA²

Eliana ALBUQUERQUE³

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA

RESUMO

O presente artigo pretende trazer apontamentos sobre as representações juvenis em narrativas seriadas contemporâneas presentes nas plataformas de streaming. Como recorte viável, adentramos na série juvenil *Eu nunca...* (Netflix) como exemplo norteador das discussões propostas. Para isso, almeja explorar aspectos de uma das protagonistas da série para evidenciar as mudanças de representatividade no audiovisual contemporâneo e seus aspectos interseccionais, no que diz respeito à presença das juventudes nas telas. Para tanto, assinala de maneira geral as recorrentes representações de histórias ficcionais protagonizadas por jovens, através de um largo espectro de diversidade temática. O intuito é compreender os modos como os chamados *Teen Dramas* - um gênero narrativo criado na década de 1990 e que acompanha e se adequa às mudanças no mercado televisivo e de nicho no streaming - tem representado esses sujeitos. O arcabouço teórico metodológico dessa reflexão percorre caminhos multidisciplinares, com conceito de Kellner (2001), Meimaridis (2023) e Crenshaw (2002), Hall (2001) e Woodward (2011).

PALAVRAS-CHAVE: Juventudes; séries de conforto; interseccionalidade.

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, ao longo do século XX e parte do século XXI, debates públicos e privados sobre temas diversos foram pautados por conteúdos audiovisuais, a saber: matérias telejornalísticas, documentário, filmes e séries. No Brasil, é salutar reconhecer o importantíssimo papel das telenovelas em TV aberta como um artefato

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Tecnicidades e Culturas, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Professor Titular da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e Pesquisador do Observatório da Comunicação e Culturas Contemporâneas (GOCC), CNPQ/UESC. Email: rboliveira@uesc.br

³ Professora Titular da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e Pesquisadora do Observatório da Comunicação e Culturas Contemporâneas (GOCC), CNPQ/UESC. Email: ecalbuquerque@uesc.br

cultural brasileiro (CORRÊA-ROSADO, 2022) capaz de mobilizar grandes massas e trazer debates públicos sobre questões socioculturais diversas. Com a popularização dos serviços de streaming na última década, os seriados tomaram uma importância ímpar na cultura midiática internacional, suplantando em alguns países a própria produção televisiva nacional, além de ter ocupado muito espaço na fruição e divertimento social.

Neste sentido, por oferecer representações a partir de histórias ficcionais diversas advindas de países diferentes e não poder ser compreendido independente da realidade que as originaram, o formato seriado foi escolhido com o objetivo de investigar o ideário sobre as juventudes contemporâneas. Frisa-se que parte da sociedade a ser estudada vem acompanhada de sua imagem representada nos diversos cenários e espaços urbanos privilegiados nos enredos. Assim, os sujeitos escolhidos para esta reflexão, a saber, as juventudes contemporâneas, foram selecionados como objeto de estudo por serem sujeitos que passam por transições diversas na vida e por terem sido concebidos e representados de forma parcial e excludente, tanto no âmbito teórico quanto no simbólico.

No entanto, como nos alerta Borelli (2000), as vertentes históricas e universais sobre a juventude não podem ser vistas de forma polarizada. É importante a compreensão das diferenças, dos segmentos e variáveis de classe, etnia, gênero, nível de escolaridade e outros capazes de mapear as especificidades dos jovens em diferentes momentos e lugares da história. Os principais objetivos do texto são evidenciar as representações presentes na série analisada e observar os modos de construção de sentidos; identificar as séries como espaço de construção, disseminação, reforço e ressignificação de imagens dos jovens no mundo contemporâneo e verificar a estruturação dos espaços de convivência juvenil (cidade, família, escola, universidade e etc) como ambientes articuladores da diversidade de modos de ser jovem nas problemáticas apresentadas na obra.

No que diz respeito a algumas pistas do marco teórico norteador, partimos da mudança sócio técnico no modo de fruir audiovisual na atualidade, sobretudo nas mudanças ligadas à centralidade da televisão para um consumo multitelas, como já mencionado. A televisão, que em 2020 completou setenta anos de implantação no Brasil, teve e tem uma centralidade importante da vida social, no debate público e no âmbito cultural em geral. Teve seu apogeu como mídia aberta generalista (WOLTON,

1996) até o fim dos anos 1990, mas modificou-se para se adequar às exigências da denominada TV Social (FECHINE, 2017) a partir dos anos 2000, tudo isso viabilizado pela convergência midiática e a cultura participativa articulada por meio da Internet.

Atualmente, com a popularização da banda larga, praticamente todos os grandes canais de televisão oferecem a possibilidade de assistirmos aos conteúdos que estão disponíveis em plataformas próprias ou associadas; de modo gratuito ou pago; pelo sistema de *streaming de vídeos*. Dentro do universo das narrativas seriadas, há um nicho de produções nas principais plataformas como a Netflix; Primevideo; HBOMAX; Disney; Globoplay e outras. São séries que evocam as representações de vivências dos jovens e adolescentes, com suas problemáticas em diálogo íntimo com agendas contemporâneas de comportamento cultural.

Para um recorte viável para esta reflexão, concentramos nosso olhar na plataforma mais popular do mundo em streaming de vídeos por demanda, a Netflix, dando atenção à série *Eu nunca...* Em geral, tratam-se de séries produzidas em países diferentes com temáticas diversas; chamadas de *Teen Dramas* - ou dramas juvenis. Possuem cunho dramático e as tramas têm foco geralmente em adolescentes em fase escolar (não somente, mas de modo muito recorrente) e os problemas pertinentes a tal idade – laços de amizade, relações amorosas e familiares etc. Em geral, têm como núcleo principal um grupo de amigos jovens, porém, dependendo de cada série, é dada maior ou menor ênfase à família de um ou mais personagens e, com a crescente mistura de gêneros narrativos, outros elementos e ambientes também dividem o espaço do enredo (COUTINHO, 2016).

As séries presentes nas plataformas trazem narrativas marcadas pelo ponto de vista de personagens jovens, refletindo sobre a relação das juventudes com os novos formatos de audiovisual. Se anteriormente esses jovens tinham a sua condição marcada somente pelos perfis e perspectivas colocadas enquanto sujeitos jovens nos noticiários e narrativas ficcionais, hoje é necessário observar, nas construções desses produtos audiovisuais, o modo como essa representação se relaciona com eles. A proposta, neste texto, é trazer observações gerais e preliminares no que diz respeito às questões interseccionais das representações, como será mais detalhada adiante.

A representação, para Woodward (2000, p.17), “inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos”. Nessa direção, pensamos que as representações das juventudes nesses produtos culturais dialogam intimamente com elementos da cultura contemporânea, norteadas por mudanças profundas de sociabilidades e subjetividades juvenis, pela digitalização da cultura e suas implicações sociais. Além disso, em seus enredos, apresentam temas que perpassam pela diversidade étnica, sexual, econômica, de gênero e evocam aspectos pedagógicos para o debate público desses temas em ambientes familiares, entre amigos e na escola, pautando vários dos diálogos nesses ambientes. Em linhas gerais, podemos afirmar que a juventude é um conjunto de ideias e, ao mesmo tempo, uma situação social (GROPPO, 2000).

Na circulação de bens simbólicos, como as séries, para haver sentido seja de um objeto, acontecimento ou um grupo de sujeitos, se faz necessário de outro indivíduo, que esse aponte e atribua um sentido a isso que existe. De acordo com Hall (2016), uma das funções da representação é classificar o mundo e as relações dos indivíduos a partir de vários processos culturais, de forma que as coisas vão ganhando significado. Logo,

As coisas "em si" raramente – talvez nunca – tem um significado único, fixo e inalterável. Mesmo algo tão óbvio como uma pedra pode ser somente uma rocha, um delimitador de fronteira ou uma escultura, dependendo do que ela significa – isso é, dentro de um certo contexto de uso e do que os filósofos chamam de diferentes "jogos de linguagem". (HALL, 2016, p. 21)

Assim, observamos que os sujeitos vão atribuindo sentido às coisas de acordo com as interações que têm com elas e podem partir da forma como as coisas são representadas. Por exemplo, os adjetivos que usamos para descrever algo, assim como as histórias que são contadas sobre ela, afetam o sentido e o valor que atribuímos a esta (HALL, 2016). Consequentemente, podemos compreender que a representação “[...] é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos” (HALL, 2016, p. 31). Portanto, a representação pode ser entendida como a tradução de conceitos que

estão na nossa mente e que passam a existir por meio da linguagem, no caso em tela a audiovisual.

É possível compreender a diversidade juvenil que aparece nas narrativas midiáticas e, também, por outra perspectiva, onde a relação com essa fase da vida — no Brasil definida entre os 15 a 29 anos — vai além da restrição etária. Olhar para o diverso entre os indivíduos na atualidade é crucial para elaborar questões a partir dos anseios de cada parcela juvenil e driblar afirmações do passado, que podem ser impedimentos na resolução das dificuldades enfrentadas por eles no presente (NOVAES, 2007). As condições marcadas pela faixa etária e pelos aspectos sociais deságuam na cultura, sendo esse o ponto de partida para entender o que significa ser jovem na atualidade, somados ao aspecto econômico e à sensibilidade tecnológica. As juventudes, desse modo, funcionam como espaço de enunciação e, por associação, de reivindicação e articulação de pautas comuns.

Deve-se olhar para esse espaço de transferências, seja a partir da socialização, da produção artística ou das novas tecnologias, direcionando a visão para construir novas perspectivas de representação desses indivíduos. É na cultura que o jovem constrói a si mesmo, sendo a vivência cultural um processo central dessa fase da vida. O que pretendemos acionar como reflexão aqui é justamente os atravessamentos interseccionais diversos que as séries nos contam, cartografando-as, localizando-as e analisando-as em eixos temáticos.

Aspectos conceituais da interseccionalidade e suas ressignificações no audiovisual

O conceito de interseccionalidade permite pensar nas múltiplas interações entre diferentes eixos de subordinação, que produzem uma multiplicidade de formas de ser e se compreender como jovem no mundo contemporâneo. Kimberlé Crenshaw (2002, p.177) explica que o conceito de interseccionalidade objetiva “capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. [...] sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras”.

O referido conceito surge no feminismo negro, foi cunhado por Crenshaw, advogada e ativista pelos direitos humanos das mulheres em escala global. Ela entende que a noção de interação entre formas de subordinação presente no conceito permite superar a ideia de superposição de opressões. A autora destaca que as pessoas têm várias identidades sociais simultaneamente, como raça, gênero, classe social, sexualidade, religião, deficiência, nacionalidade, entre outras. Essas identidades não são independentes, mas sim interseccionam-se, influenciando-se mutuamente para moldar a experiência de vida e as oportunidades disponíveis para cada indivíduo.

Exemplifica seu pensamento com a metáfora das vias e avenidas: as vias seriam os vários eixos de poder (raça, etnia, gênero, classe sociais) que constituem as avenidas, “que estruturam os terrenos sociais, econômicos e políticos” (CRENSHAW, 2002, p.177). Segundo a autora, as mulheres racializadas encontram-se muitas vezes no meio desses cruzamentos, ficando sujeitas a ser posicionadas: “nessas intersecções em virtude de suas identidades específicas, devem negociar o ‘tráfego’ que flui através dos cruzamentos. [...] as desvantagens interagem com vulnerabilidades preexistentes, produzindo uma dimensão diferente do desempoderamento” (op. cit.).

O reconhecimento crescente de que as relações políticas (isto é, relações desiguais de poder) estão implicadas nas teorias do conhecimento, ganha uma centralidade necessária em análises mais recentes, que consideram fundamental explorar “outras” categorias de diferenciação social como “marcas” a serem contempladas na análise de contextos específicos (PISCITELLI, 1996). Porém, como a autora citada corrobora, a questão não se resolve simplesmente adicionando as diversas formas de opressão na configuração da condição social das relações, mas sim, percebendo a interconexão entre as desigualdades.

De acordo com Gregori e Veronese (2018), na década de 2000, início do século XXI, a articulação entre diferentes categorias e interseccionalidades, estavam amplamente difundidas, formuladas no plano teórico por meio de leituras críticas e coincidindo com intensas reivindicações, relativas à questão da diferença (PISCITELLI, 2008). Todavia, ao passo em que este debate se insere no plano acadêmico, ainda é necessário falarmos sobre como as narrativas audiovisuais, neste caso, séries protagonizadas por jovens, têm trazido essas questões ao debate público dos sujeitos que fruem essas produções.

Ao analisar como se dá essa interrelação nos modos de ser jovem, conforme as narrativas seriadas presentes em plataformas de streaming, percebe-se que gênero, sexualidade, raça, etnia e classe estão historicamente listados como alvos mais vulneráveis às experiências interseccionais. Com base nisso, como essa realidade é representada nestas séries?

Durante muito tempo, boa parte das conversações familiares e entre amigos eram pautadas por conteúdos audiovisuais, muito proeminente pela vasta cobertura televisiva no território nacional e pelo amplo consumo do cinema estadunidense. No entanto, o consumo de narrativas seriadas se dava por meio da televisão massiva e de emissão vertical. Atualmente, o modelo de negócio e circulação de conteúdo mudaram. As plataformas de streaming além de competirem entre si, produzem conteúdos próprios e, muitos, endereçados para o público jovem. As conversações deixaram os espaços privados e públicos tradicionais como a casa / rua e passaram a fazer parte das discussões em redes sociais digitais. Algumas dessas séries tem uma verdadeira legião de fãs.

O acesso ampliado a bens simbólicos, se comparado aos ascendentes, constituiria parte dos paradoxos experienciados pelos jovens hoje, cujas possibilidades estruturais de inclusão (no mercado de trabalho, notadamente) não coadunam necessariamente com os consumos de artefatos culturais (MARTÍN-BARBERO, 2017). Setton (2004) já assinalava, nesse sentido, a antecedência dos artefatos produzidos pela indústria cultural em relação à massificação da presença da instituição escolar entre segmentos populares brasileiros, logo a precedência na produção social de saberes e nas formas de apropriação simbólica cotidiana. (PINHEIRO, 2022, p. 2)

No contexto de amplo acesso a produtos audiovisuais em plataformas, o consumo de séries tem crescido bastante, sobretudo no pós pandemia de Covid-19⁴, quando as pessoas precisavam ficar em casa e o hábito de “maratonar” fez parte do

⁴ Segundo a edição de 2022 do estudo “Eu nas Séries”, da NBC Universal Brasil, cerca de 93% dos brasileiros, algo como 115 milhões de fãs, acompanham séries atualmente – em 2018, na primeira edição da pesquisa, essa porcentagem era de 51%! Desse público total, 60% aumentaram o consumo durante a pandemia. E o motivo principal por trás desse comportamento é a busca por conforto. Fonte: <https://encurtador.com.br/dmvNW>

cotidiano de muitos. Vale destacar que a ficção seriada não serve apenas para entreter seus espectadores, mas pode cumprir e, de fato, cumpre outros papéis: é companhia quando se está só, é fonte de informação e conhecimento especializado, revela mundos distantes, entre tantos outros.

Na principal plataforma do mundo e maior do Brasil, a Netflix, há várias séries juvenis em seu catálogo, que investe alto nesse público com produtos realizados em diversos países: *13 Reasons Why* (EUA, de Brian Yorkey, com quatro temporadas); *Stranger Things* (EUA, de Matt e Ross Duffer, com quatro temporadas); *Atypical* (EUA, de Robia Rashid, com quatro temporadas); *Sex Education* (Reino Unido, de Laurie Nunn, com quatro temporadas); *Merlí* (Espanha, 2015 a 2017, de Héctor Lozano e Eduard Cortés, com três temporadas), *Boca a Boca* (Brasil, 2020, de Esmir Filho, uma temporada); *Eu nunca...* (EUA, de Mindy Kaling e Lang Fisher, quatro temporadas); *Elite* (Espanha, de Ramón Salazar et al., 2018 a 2020, três temporadas); *Skins* (Reino Unido, de Kamie Brittain e Bryan Esley, com sete temporadas); *Control Z* (México, de Carlos Quintanilla Sakar, Adriana Pelusi e Miguel García Moreno, 2020, com duas temporadas), *Sex!fy* (Polônia, de Piotr Domalewsk, com duas temporadas), entre outros.

Embora seja possível observar que outras plataformas também estão atentas a este nicho de mercado e tem investido em produções juvenis, para refletir sobre as representações interseccionais nas séries contemporâneas, selecionamos como escopo analítico a produção *Eu nunca...* (EUA, de Mindy Kaling e Lang Fisher, quatro temporadas, Netflix). Para a escolha do referido produto, utilizamos como base o conceito de Meimaridis (2023), categorizado como "**séries de conforto**". Para a autora, seriam produções despretensiosas do ponto de vista narrativo e que "oferecem narrativas padronizadas e cujo ritmo é previsível, apresentando poucos desafios do ponto de vista cognitivo. É esse caráter familiar e previsível que possibilita essas séries a se configurarem como um "porto seguro". (Op. cit, 2023, p. 38).

Ainda segundo a autora (2023), esse tipo de narrativa seriada possui características que a aproximam dos mitos, servindo, dessa maneira, como mecanismos de propagação de fala mítica sobre conflitos existenciais, anseios de vivência humana ou problemas pertencentes ao dia a dia dos sujeitos. São narrativas ficcionais leves e que tem a intenção de entreter, gerar conforto psíquico e relaxar. A ficção seriada selecionada para este artigo contempla uma instituição social muito presente no dia a

dia dos jovens: a escola. Escrita e co-dirigida por Mindy Kaling, que se destaca no gênero comédias, é filha de imigrantes indianos e traz aspectos autobiográficos em suas personagens. No caso em tela, o contexto é estadunidense e, mesmo com narrativas bem leves, questões interseccionais e de representatividade são contemplados em sua narrativa, como veremos a seguir.

Apontamentos interseccionais nas séries *Eu nunca...*

Figuras 1 e 2 - elenco base da série *Eu Nunca...*



Fonte: divulgação NETFLIX

Com lançamento em abril de 2020, a série *Never Have I Ever* merece a atenção por abordar uma temática juvenil, mas de forma mais cômica. Inspirada na própria adolescência da comedianta e roteirista Mindy Kaling, esta série nos conta a história de Devi Vishwakumar, uma adolescente hindu-americana que enfrenta as peculiaridades do dia a dia no colégio, ao mesmo tempo em que questiona as tradições religiosas de sua família, na medida em que sofre pela perda de seu pai – que morreu no ano anterior.

No Brasil, a série foi traduzida para o português como *Eu Nunca...* Nela, cada episódio aborda uma experiência nova que Devi gostaria de tentar e utiliza o nome de cada episódio para ilustrar cada uma dessas novas experiências. Como exemplo, podemos citar o 3º. episódio, intitulado “...fiquei bêbada com a galera popular”, que permite ver a dinâmica que transforma cada título em uma continuação direta do título geral da série – e o faz de uma maneira cômica.

Percebe-se com este exemplo, o estabelecimento de um padrão temático bastante recorrente em séries da Netflix, principalmente aquelas destinadas para o público

jovem. Sobre o gênero *teen drama*, observamos, nos últimos anos, a tendência de serem abordados assuntos como bullying, sexualidade, perda e sofrimento. Vale destacar que esses temas não são novidades, outras produções já exploraram ao longo dos anos. Podemos mencionar aqui uma das mais famosas referências sobre os desafios enfrentados por jovens no colégio: o filme *Clube dos Cinco*⁵, lançado na década de 1980.

Bouso (2021) destaca que ao longo dos anos, foi dada uma atenção maior pelas plataformas de streaming para a geração *millennial* e, conseqüentemente, na atualidade, para a geração *Z*. Deste modo, estamos tratando sobre um público do qual o ambiente digital é conhecido, confortável e explorado diariamente. "Naturalmente, ao tratarmos sobre narrativas propagadas em produções audiovisuais, visualizamos um direcionamento para um público, buscando garantir a fidelidade de assinantes"(Op. Cit, 2021, p. 76).

Narrowcasting é definido como o processo de alcançar públicos, identificando facetas da identidade dos usuários para direcionar programação e gêneros. Este é o processo de criação ou exibição de conteúdo de uma forma que visa atingir pequenas porções específicas do público. [...] Narrowcasting não é mais apenas uma técnica usada para fazer a plataforma se destacar; agora é uma parte que a geração *millennial* espera de sua experiência de mídia. Isso, por sua vez, significa que os *millennials* esperam ver programas e títulos recomendados que reflitam suas próprias vidas, produzindo assim um rótulo narcisista (NOVAK, 2017, p. 165-167)⁶

Desse modo, vale destacar as recorrentes temáticas gerais que englobam as produções encontradas em plataformas de VOD. Ao longo dos anos, fomos apresentados a temas de narrativas que parecem se aventurar na ficção, com o apelo nostálgico, passando por assuntos relacionados às síndromes contemporâneas e psicossociais, além de englobar mais a presença LGBTQIA+ em produções diversas. No caso da série *Eu Nunca...* alguns desses aspectos são explorados e vamos apontar as interseccionalidades presentes.

Embora a série *Eu Nunca..* tenha como protagonista a história de Devi Vishwakumar, uma adolescente de 15 anos com ascendência indiana que está lidando

⁵ Dirigido por John Hughes e lançado em junho de 1985, *Clube dos Cinco* conta a história de cinco alunos de um colégio que são forçados a passar um sábado juntos como forma de punição pelos erros cometidos em sala de aula.

⁶ Tradução nossa.

com o luto de perder o pai enquanto tenta ser popular no ensino médio. Devi tem um primeiro ano do ensino médio bastante traumático e está infeliz com suas relações sociais. E o ponto de partida da série é justamente ela tentando mudar essa realidade. Já no primeiro episódio, Devi cria um plano para que ela e suas amigas, Fabiola e Eleanor, arranjam namorados, com o objetivo de se tornarem mais populares.

Fabiola Torres (Figura 3) é uma adolescente negra de 15 anos, apaixonada por robótica e ciências. Melhor amiga de Devi e Eleanor, é uma personagem tímida e inteligente. Fabiola faz parte do elenco principal da série e um dos traços mais destacados de sua personalidade é a dificuldade que ela tem de expressar seus sentimentos. Logo no início da primeira temporada, Devi propõe que Fabiola arranje um namorado para que elas possam se destacar na escola. Fabiola demonstra desconforto com esse plano, porém segue adiante e começa a namorar um menino. Poucos episódios depois, Fabiola termina esse namoro e passa a tentar entender a atração que sente por sua colega de turma, Eve.

Ao longo da temporada, acompanhamos Fabiola descobrindo sua sexualidade e se afirmando lésbica. Ainda na primeira temporada, a série mostra a dificuldade que esta tem de contar para sua família sobre sua sexualidade, mas, finalmente, ela consegue compartilhar o que sente e recebe muito apoio, principalmente de sua mãe. Na primeira temporada, Fabiola se apaixona por Eve, e as duas começam a namorar. Após “sair do armário”, Fabiola enfrenta dificuldade para apresentar sua namorada Eve à sua mãe, mas consegue fazê-lo. Como forma de apoio, a mãe sugere que as duas concorram ao título de Rainha do baile de inverno da escola. As duas fazem campanha por toda a escola para serem eleitas e, no final da temporada, são coroadas no baile de inverno.

Durante a série, Fabiola recebe muito apoio de suas amigas e de sua família, contudo, após iniciar o namoro com Eve e ter contato com suas amigas lésbicas, Fabiola questiona se é lésbica o suficiente para estar entre elas. A personagem de Fabiola é de uma garota muito estudiosa e obcecada por robótica, o que vira um problema para as amigas de Eve. O grupo de amizade de Eve é composto por várias meninas lésbicas e bissexuais que conversam muito sobre cultura pop, universo muito distante dos interesses de Fabiola. Ela vive uma crise por não se sentir pertencente à comunidade LGBTQIAP+, o que persiste por um tempo, mas, ao final da segunda temporada, Fabiola entende que não precisa ter interesses específicos para ser “lésbica o suficiente”

e volta a se dedicar à sua paixão por robótica, a qual ela havia deixado de lado para pertencer mais à comunidade e se sentir incluída.

Na terceira temporada, Fabiola e Eve terminam seu namoro, e, inesperadamente, Fabiola beija sua amiga, Aneesa. A partir daí, Fabiola e Aneesa tentam desenvolver um romance, mas, por fim, entendem que são apenas amigas. Em seguida, Fabiola desenvolve uma paixão por Addison e inicia um novo romance. A narrativa é sobre a fase da adolescência em que as pessoas estão constantemente se descobrindo e tentando entender quem são e do que gostam.

Figura 3 - Personagem Fabiola Torres



Fonte: Never Have I ever Wiki (2023)

Aqui, é relevante apontar a importância da interseccionalidade, segundo Collins (2021) e Crenshaw (1989), ao tratar da representação de mulheres negras e sáficas, uma vez que quando todas essas identidades estão sobrepostas em uma personagem esta acaba sendo deixada de lado nos produtos midiáticos. Ao contrário do que historicamente foi a representação de mulheres negras no audiovisual, muitas vezes com viés negativo e subalternizados, percebemos que a personagem Fabiola Torres na série juvenil *Eu Nunca...* traz na narrativa aspectos positivos de suas descobertas de si. Isso evidencia um cenário de mudança dos produtores audiovisuais que, em diálogo com essas audiências diversas com amplo acesso a informações antes tabus em redes sociais digitais, atentos às mudanças mercadológicas, trazem um frescor sobre representatividade dos jovens para as telas. Mas isso também não é por acaso.

Conforme Douglas Kellner (2001) trata-se de fenômeno típico da "cultura das mídias" que envolve uma análise ampla e profunda das interações entre a mídia, a cultura popular e a sociedade como um todo. Para ele, elementos da cultura popular são difundidos e moldados pela mídia, influenciando os valores, as crenças e as práticas culturais da sociedade.

Considerações Finais

Ao longo dessa breve reflexão e apontamentos introdutórios apresentados por meio da série escolhida, foi possível identificar a intersecção de gênero, sexualidade e raça no contexto da mulher negra e lésbica, através das representações da personagem Fabiola Torres, na série selecionada. Pudemos observar que o gênero, a raça e a sexualidade são eixos que afetam a vida de mulheres em todos os níveis, já que não é possível selecionar apenas uma dessas identidades. Elas sempre estão interrelacionadas e afetam a experiência de vida dessas jovens mulheres.

Outro ponto comum nas narrativas de séries de conforto que se debruçam no universo complexo e multifacetado das juventudes, é a autodescoberta, frustrações e aceitação por pares, próprias desse período da vida. No caso de Fabiola Torres, ela inicia sua jornada na série se entendendo como heterossexual e, ao longo da primeira temporada, descobre sua atração por mulheres após se apaixonar pela primeira vez por uma pessoa do mesmo sexo.

Ademais, Fabiola tem relacionamentos com outras meninas lésbicas que fazem parte de um núcleo de amigas LGBTQIAP+ e, a partir disso, passa a questionar se são lésbicas o suficiente, um conflito inerente a sua pessoa. Outrossim, a personagem recebe apoio de suas amigas e sua família ao conversar sobre sua sexualidade. Isso evidencia a naturalidade do debate, a constituição de consciência de si e a fluidez dos vínculos interpessoais, em sintonia com as relações contemporâneas entre os jovens.

Várias ficções seriadas tematizam as juventudes de modos diversos nas plataformas de streaming, com protagonismo feminino, e a própria Mindy Kaling, agora em parceria com Justin Noble, retoma ao tema em outra série do gênero comédia - A vida sexual das universitárias (HBO Max, 2022). Trata-se de outra série de conforto, com um entretenimento leve que envereda sobre a vida acadêmica de quatro amigas que

acabaram de entrar na fictícia universidade de Essex, em Vermont. A sororidade, os processos para assumir orientação sexual, as discussões raciais, a curtição, as dificuldades financeiras e a responsabilização sobre suas ações norteiam os arcos dramáticos das personagens.

Por fim, ao olharmos para uma expansão na escolha das temáticas juvenis em séries contemporâneas nas plataformas, verificamos novas possibilidades narrativas, com histórias que dialogam que demandas do público, além de acionarem novos debates e conversações on e offline, pessoas de públicos variados podem se tornar mais interessados em comentar, compartilhar e divulgar estas mesmas histórias. Sendo assim, é sempre necessário e positivo que representações juvenis nas séries se atentem ao diverso como elemento natural de identificação deste público na atualidade.

REFERÊNCIAS

CORRÊA-LOSADO, Leonardo Coelho. **Afinal, o que é telenovela?** Em busca da configuração do gênero situacional. Revista Investigações, Recife, v. 35, n. 2, p. 1 - 27, 2022 <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/index> <https://doi.org/10.51359/2175-294x.2022.252076> (Acesso em 10/07/2023) 7-72.

BOUSSO, Karina. **Espaços de experimentação no audiovisual:** processos de produção no streaming. São Paulo, Tese de doutorado em Comunicação e Semiótica, PUC-SP, 2021. brasileira. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, UFSC, v.6/7, p.9-35, 1996. Disponível em: <<http://periodicos.bc.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1859>>. Acesso em: 18 jul. 2023.

COUTINHO, LÚCIA LONER. **A vida adolescente levada a sério:** identidade *teen* e cultura das séries (tese de doutorado puc) - Rio Grande do Sul, 2016. 276 p.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.** Revista Estudos Feministas, n.1, p. 171-188, 2002.

FECHINE, YVANA. **TV Social:** Contribuição para delimitação do conceito. contracampo, Niterói, v.36, n.01, pp. 84-98, abr.2017 / jul. 2017.

GREGORI, Juciane de e VERONESE, Claudia. **Juventudes, violências e interseccionalidade no Brasil:** reflexões a partir do Estatuto da Juventude. Interfaces Científicas - Humanas e Sociais • Aracaju • V.7 • N.1 • p. 71 - 82 • Jun. 2018. Disponível em <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/4441/2885> (acesso em 18 Jul. 2023).

GROPPO, LUÍS ANTONIO. **A juventude como categoria social.** Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, p. 7-27, 2000.

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia:** estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru. EDUSC, 2001.

MEIMARIDIS, Melina. **Séries de Conforto:** a ficcionalização de instituições na TV. Editora Appris, Curitiba - PR, 1ª edição, 2023.

NOVAES, REGINA. **Juventude e sociedade:** jogo de espelhos. Sentimentos, percepções de demandas por direitos e políticas públicas. Revista Sociologia Especial: ciência e vida. São Paulo, 2007.

NOVAK, Alison. **Narrowcasting, Millennials, and the personalization of genre in digital media** The Age of Netflix: Critical Essays on Streaming Media, Digital Delivery and Instant Access, 2017.

PINHEIRO, Leandro. **Consumo de seriados entre jovens estudantes:** narrativas e indícios de individualização. Educ. Soc., Campinas, v. 43, e252895, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/tmcGk3Cmmg8LrrPwXpQV8TJ/#> (Acesso em 05 Ago. 2023).

PISCITELLI, Adriana. **“Sexo Tropical”:** Comentários sobre gênero e “raça” em alguns textos da mídia brasileira. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, UFSC, v.6/7, p.9-35, 1996. Disponível em: <<http://periodicos.bc.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1859>>. Acesso em: 18 jul. 2023.

PISCITELLI, Adriana. **Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras.** Sociedade e Cultura, v.11, n.2, p.263-274, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/5247>>. Acesso em: 19 jul. 2023.

SILVA, Marcel Vieira Barreto. **Cultura das séries:** forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade. XXII Encontro Anual da Compós. Salvador, 2013.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença:** uma introdução teórica e conceitual. in: Silva, t. t. *Identidade e diferença a perspectiva dos estudos culturais.* Petrópolis: Vozes Ltda, 2000. p.
